



Cineport: A importância do Festival de Cinema de Língua Portuguesa para o audiovisual paraibano¹

Flávio Júnior Freitas FERREIRA²

Ana Carolina SILVEIRA³

Cândida NOBRE⁴

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

O Cinema é uma arte que tem alcançado patamares elevados ultrapassando limites continentais e vem há muito tempo movimentando uma verdadeira fortuna na Indústria Cultural se tornando uma linguagem narrativa mercadológica. Desde o final do século XIX o cinema tem percorrido vários caminhos. No Brasil, a produção audiovisual vem se destacando com realizações de alta qualidade estética. Na Paraíba se percebe um aumento nas produções através da profissionalização de novos cineastas. O objetivo deste trabalho é realizar a análise de como o Festival Cineport vem contribuindo para levantar a reflexão acerca das produções cinematográficas no estado. O trabalho teve respaldo bibliográfico que permeiam o cinema, a produção audiovisual na Paraíba e o Cineport.

Palavras-Chave: Cinema; Festival Cineport; Produção Audiovisual Paraibana

Introdução

No Brasil o cinema vem sendo exibido desde o final do século XIX de maneira singela, pois tudo o que foi produzido logo era amortizado pelas produções estrangeiras, e sempre passou por momentos de queda e ascensão, as fases de ciclos sem continuidade sempre foi um entrave às produções audiovisuais nacionais, devido à falta de incentivos por parte do governo e problemas em razão da produção, exibição e distribuição. Mas desde o período do cinema da Retomada em 1993, após o fechamento da Embrafilme - empresa estatal de fomento ao cinema - uma nova configuração com melhores perspectivas mercadológicas tem surgido no país.

¹Trabalho apresentado no IJ 04 - Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

²Publicitário (Iesp/2010), aluno especial da Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da UFPB e membro do Publiciber (grupo de discussão em Publicidade e Cibercultura do Iesp - Instituto de Educação Superior da Paraíba), email: flaviofreitas.ferreira@gmail.com.

³Aluna especial da Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da UFPB e membro do Publiciber (grupo de discussão em Publicidade e Cibercultura do IESP - Instituto de Educação Superior), email: carolinana.silveira@gmail.com

⁴Orientadora do trabalho. Professora das faculdades Iesp e Idez. Mestre em Comunicação pela UFPB e coordenadora do Publiciber, email: candidanobre@gmail.com



Como vamos focar nosso estudo no festival Cineport na Paraíba destacamos que desde meados de 1920 o estado foi obtendo destaque a nível nacional com o filme *Sob o Céu Nordestino* de Walfredo Rodrigues que traduz de forma clara a cultura do homem dessa região considerado como marco etnológico e no final da década de 1950 o documentário *Aruanda* de Linduarte Noronha obteve grandes repercussões estéticas para o cinema brasileiro, considerado como o precursor do cinema novo.

No cenário atual a Paraíba vem desenvolvendo um grande potencial audiovisual com alguns jovens realizadores produzindo e exibindo seus filmes no circuito de festivais nacionais e internacionais.

Por isso destacamos a importância dos festivais de cinema principalmente no que se refere à exibição dos curtas, pois estes eventos servem como vitrine a essa proposta audiovisual de acordo com Leal e Mattos (2010).

Na Paraíba vem ocorrendo muitas mostras e abertura de espaços para exibição dos filmes produzidos tanto na capital como no interior e ações tem aumentado vertiginosamente, mas daremos destaque ao Cineport como instrumento propulsor desse movimento que vem ocorrendo.

Há seis anos o Cineport - Festival de Cinema de Língua Portuguesa objetiva integrar, desenvolver e disseminar o audiovisual dos membros da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa: Angola, Brasil Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste) através da realização anual de um evento de caráter itinerante que reúne grande parcela da produção cinematográfica destes países. É natural dos festivais proporcionarem esta simbiose cultural promovendo um conagraçamento entre produtores, artistas e público em geral.

Leal e Mattos (2010) afirmam que o caráter de qualquer festival não se resume à exibição de filmes, mas produz várias benesses sem sair de seu foco principal que é difundir, preservar e resgatar o acervo audiovisual brasileiro. Bienalmente o Cineport é sediado em João Pessoa, mas será que o mesmo tem contribuído para a cena cinematográfica no estado?

O trabalho consiste em analisar este questionamento citado a partir de uma abordagem qualitativa, em que utilizamos de meios investigativos que aprofundam o estudo sobre o tema em questão; e ponderar sobre como se dá o intercâmbio e a cooperação do audiovisual entre os países membros da CPLP e o audiovisual paraibano, através de pesquisa exploratória que consistem na reunião das idéias a serem discutidas e abordadas. No decorrer da pesquisa foram realizadas entrevistas via telefone, e-mail, e



de maneira manuscrita. Os entrevistados foram cineastas, produtores, artistas, intelectuais e escritores envolvidos no Festival.

Produção Cinematográfica na Paraíba

Há um grande crescimento nas produções audiovisuais no Estado apesar dos problemas enfrentados pelos realizadores que trabalham com muita disposição para alavancar o cinema paraibano no circuito nacional. Mesmo se produzindo em várias regiões do estado tendo maior concentração nas áreas de João Pessoa e Campina Grande, os filmes paraibanos ficam limitados a festivais e dificilmente conseguem espaços nas principais salas de exibição no país.

O fato de existirem as barreiras no que diz respeito à projeção do audiovisual fora das fronteiras paraibanas é real, mas isso não é motivo para que haja um enfraquecimento nas produções realizadas mesmo com todas as dificuldades impostas, sejam elas em relação a questões financeiras, apoios de um modo geral, sempre surgem patrocinadores que contribuem com a Sétima Arte.

Na Paraíba existem poucas iniciativas que fomentem a produção audiovisual no Estado. Citamos as mais importantes: as leis de incentivo à cultura que disponibilizam verba por meio de editais para todas as áreas culturais além do cinema são: FMC- Fundo Municipal de Cultura vinculado à FUNJOPE- Fundação Cultural da Prefeitura de João Pessoa e o FIC- Fundo de Incentivo à Cultura- Lei Augusto dos Anjos, promovido pela Subsecretaria de Estado, ambas apresentam orçamento superior a mais de dois milhões de reais, ressaltando que por questões de ordem ou desordem política administrativa esse último desde 2008, não tem disponibilizado abertura de edital.

Outros mais recentes são: Prêmio Linduarte Noronha de Curta-Metragem que também através de edital seleciona até nove projetos realizados em suporte digital nos gêneros de ficção e documentário com temática livre. Há ainda o Prêmio Energisa que ocorre em João Pessoa a cada dois anos quando da realização do Festival Cineport que contempla o melhor filme na cerimônia de encerramento do Festival escolhido por um corpo de jurados. Segundo Pinto diretor do longa-metragem *Tudo o que Deus criou*,

A questão é, ou você faz filmes através de editais, ou então busca financiamento dos empresários e instituições locais. Os editais não são fáceis de ganhar, até pelas próprias exigências que estão inclusas no



ato de inscrição. Já a maioria das instituições locais não destina verbas a projetos audiovisuais (PINTO *apud* GUALBERTO *et al*, 2010).

Em razão da escassez financeira e do tímido estímulo por parte dos empresários locais à realização de filmes, o que vem ocorrendo sempre no estado são os “esquemas de guerrilha” que na verdade é a realização de uma produção com orçamento baixíssimo que somente ocorre porque muitos amigos profissionais da área se sensibilizam e “abraçam” o projeto, pois o pouco apoio recebido mal dá pra pagar o básico como a locação de aparelhos técnicos, na maior parte das vezes o diretor acaba usando o dinheiro do próprio bolso.

Proposta bastante interessante é o que tem feito a Cooperativa Filmes a Granel que a cada mês, os cooperados em comum acordo escolhem um projeto diferente para ser realizado onde os participantes entram com 50% da verba e a outra parte o Sebrae - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresa entra como patrocinadora.

Ramon Porto Mota (*apud* GUALBERTO *et al*, 2010), editor de cinema do Jornal campinense “A Margem” comenta sobre as produções rodadas na Paraíba:

As contingências de produção continuam atacando e transformando as produções independentes na Paraíba – aliás, do mundo inteiro – tornando os esquemas de guerrilha (detonados como modelo de produção independente na Nouvelle Vague francesa da década de 60) para a captação e produção de filmes como quase que única possibilidade para se filmar com liberdade aqui na Paraíba, já que pouquíssimas pessoas conseguem financiamentos através de editais (MOTA *apud* GUALBERTO *et al*, 2010).

Os diretores e filmes paraibanos com destaque no Brasil e fora dele

É inegável que apesar das dificuldades existentes que envolvem o cinema paraibano, há um crescimento vertiginoso nas suas produções. Citemos alguns diretores e suas obras que tem galgado merecido destaque no seu estado natal e fora dele. Marcus Vilar com o curta *A Canga* foi premiado no Festival Internacional de cinema em Miami em 2002; o filme *Transsubstancial* (2003) de Torquato Joel narra fragmentos de poemas de Augusto dos Anjos arrematou três candangos no Festival de Brasília.



Os nomes que talvez tenham maior força em termos de Brasil sejam os dos irmãos Walter e Vladimir Carvalho. O primeiro, gênio da fotografia que há alguns anos vem se arriscando na direção de alguns projetos. Um dos mais famosos é *Cazuza- O tempo não pára* (2004) e *Budapeste* (2009). Já Vladimir Carvalho, nome importante da cinematografia brasileira, principalmente em relação às produções documentais, expoente denunciador das relações de trabalho imposta aos lavradores pelos proprietários das terras, ganhou muitos prêmios no Brasil e no exterior com *O país de São Saruê* (1971), e o seu último documentário foi *O Engenho de Zé Lins* (2006).

O País de Saruê, contra a vontade do seu autor, acabou transformando-se num filme-mito. Depois, interditado pela censura por motivos até hoje inexplicáveis, em 1971, acabou virando nome de cine-clube e se transformou em nome de prêmio a ser concedido aos melhores do ano da Federação do Cine-Clubes do Rio de Janeiro. Isso sem contar com a divulgação inédita: suas fotos se transformaram em cartão de Natal e anúncio de publicidade (ALENCAR *apud* LEAL, 2007, p.197).

Joffily Filho apesar de não ter começado sua formação artística no Estado tem produzido filmes de abrangência nacional como *Dois Perdidos numa Noite Suja* (2002), e *Achados e Perdidos* (2006). Manfredo Caldas dirigiu o documentário de longa-metragem que foi premiado no concurso Petrobrás em 2005 como também em festivais internacionais. Bertrand Lira foi premiado no Festival JVC Tokio pelo documentário *Bom dia, Maria de Nazaré* (2003). A renomada atriz Marcélia Cartaxo obteve êxito quando dividiu com Gisela de Mello a direção do curta-metragem *Tempo de Ira* (2003) que foi o grande vencedor do 7º Festival de Cinema e Vídeo de Curitiba.

Atualmente vemos surgir uma nova safra de cineastas que vem ganhando de destaque Ana Bárbara Ramos tem colhido bons frutos por seus trabalhos nos curta-metragens: *Cabaceiras* (2007) - Melhor filme júri popular no Cine-PE e por *Sweet Karolynne* (2009). Este recebeu vários prêmios e ainda foi finalista do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro realizado em junho de 2010 no Rio de Janeiro.

Cabaceiras é muito bem realizado tecnicamente, tem narrativa atraente e oferece uma síntese, através de depoimentos, do que tem sido a realização no município de dezenas de filmes, muitos longas-metragens de grande repercussão (LEAL, 2007).



André da Costa Pinto, um jovem cineasta que com seu curta *Amanda e Monick* foi premiado como melhor filme do Festival de Atibaia e na categoria digital no CinePE (2008). Agora ele busca ares mais elevados. No ano de 2009 filma o longa-metragem de ficção *Tudo o que Deus Criou*, promete ser o primeiro longa-metragem paraibano com reais chances de entrar no circuito de filmes comerciais no Brasil.

Artur Lins e Ely Marques formaram dupla em duas bem sucedidas produções de curtas: *Um Fazedor de Filme* que recebeu o prêmio Saelpa no Festival Cineport em 2007 em João Pessoa e no CineEsquemaNovo em Porto Alegre e *O plano do cachorro* que vem sendo exibido em inúmeros festivais espalhados pelo Brasil. Como tantos outros que vem fazendo a cena da Paraíba crescer em vários segmentos temos ainda Carlos Dowling que desenvolve trabalhos nas linhas de formação, difusão e auxílio à produção independente audiovisual com foco em desenvolvimento de plataformas digitais. Muitos nomes são importantes que não poderíamos deixar de citar, como Eliézer Rolim de *O Sonho de Inacim - O Aprendiz do Padre Rolim*; Taciano Valério, de *O Bolo*; Elinaldo Rodrigues, diretor de *O Herdeiro de Avôhai*; Bruno de Salles de *O Cão Sedento* entre dezenas de novos realizadores que estão fortalecendo as produções audiovisuais em muitos recantos não se restringindo apenas aos pólos de Campina Grande e João Pessoa: “*O Cão Sedento* é uma obra de autor, onde o entrelaçamento de linguagens modernas determina o sucesso do trabalho. O filme de Bruno de Salles é tão veloz quanto poético e consegue realizar um exercício plural do fazer cinematográfico” (NOGUEIRA *apud* LEAL, 2007, p.166).

Não podemos deixar de citar o nome de Braúlio Tavares como representação do Nordeste e, sobretudo, da Paraíba no cenário nacional, um multimídia, escritor, poeta, crítico, roteirista e profundo pesquisador da cultura nordestina e com sólida formação cinematográfica escreve para teatro, cinema e televisão.

No cinema escreveu para uma série de curtas baseados na obra de Gilberto Freyre *Assombrações do Velho Recife* que recebeu prêmio de melhor roteiro de ficção no Festival de Recife em 2001. Além disso, Tavares também adaptou a obra *A Pedra do Reino* de Ariano Suassuna para a televisão.



A Função dos festivais de audiovisual: um estudo de caso do Cineport

É de extrema relevância abordar o assunto: festivais como agentes divulgadores e disseminadores da Sétima Arte. No estado têm ocorrido várias mostras e festivais, o que ajuda a dar ânimo quando a falta de recursos inviabiliza os projetos.

Em João Pessoa, temos o Fest Aruanda promovido pela Universidade Federal da Paraíba, o Festival Cineport que acontece bienalmente de responsabilidade da Energisa, entre outras Mostras que são realizadas nos bairros e Associações comunitárias. Em Campina Grande, o já tradicional Comunicurtas; em Patos o Cinema com Farinha; em Cabaceiras, cidade considerada a “Roliúde Nordestina” onde já foram produzidos vários filmes e tem realizado o Fest Cine Digital do semi-árido simultaneamente com a cidade de Campina Grande.

Tomemos como foco O Cineport, a realização da primeira edição do Festival aconteceu em 2005 na cidade mineira de Cataguases. Desde o seu surgimento, o Cineport foi feito com a proposta nômade de sempre acontecer em cidades diferentes. No ano de 2007 ele chega a João Pessoa graças a uma parceria entre a Fundação Ormeo Junqueira Botelho que promove o Festival, a Funjope - Fundação Cultural de João Pessoa e o Governo do Estado.

O quarto e último Cineport aconteceu em João Pessoa em 2009. E concedeu seis troféus para diversos tipos de premiação: Andorinha, Andorinha Digital, Andorinha Técnica, Andorinha Criança, Humberto Mauro⁵ e Energisa Estímulo ao Audiovisual Paraibano. Para a 5ª edição que acontecerá em setembro de 2011 João Pessoa será sede novamente desenvolvida como forma de expressão cultural. A intenção é de se instituir um intercâmbio entre os profissionais do cinema e do audiovisual para que, assim, a partir de diálogos se torne viável uma legislação que possibilite a co-produção e a parceria técnica entre os países que compõem a CPLP.

Em 2004 antes da primeira edição do Cineport foi criada a Confraria do Cinema que se constitui em um grupo de pessoas responsáveis por indicar os filmes e profissionais que irão concorrer ao Troféu Andorinha durante o evento. A Confraria do Cinema pretende se tornar um fórum permanente do audiovisual e do cinema dos países em que já está efetivada como: Angola, Brasil, Moçambique e Portugal.

⁵ Cineasta mineiro, um dos pioneiros do cinema brasileiro, maior representante do ciclo regional de cinema de Cataguases.



Desde as primeiras edições do Festival Cineport os países que não tiverem representações na Sétima Arte a exemplo do: Timor Leste, Cabo Verde e Guiné-Bissau serão convidados a participarem como júri e em participações nos seminários e debates. A organização executiva sempre procurará meios de fazer com que esses países não deixem de participar, trazendo pessoas envolvidas promovendo a acessibilidade a esse segmento como proporcionar a vinda de um estudante de cinema ou agente amador de produção audiovisual.

Seguindo as normas do Estatuto, a Confraria não tem o propósito de beneficiar seus membros com eventuais salários. Essa verba será aplicada no desenvolvimento de sua própria atividade, dessa forma aumentando o saldo do seu patrimônio e contribuindo com novas realizações que permeiam o cinema. Como já citamos, foi criada a Confraria do cinema para a função de selecionar produções cinematográficas em modalidade 35mm que irão concorrer ao Troféu Andorinha em vários segmentos.

Em um dado momento que antecede o Festival, a Confraria realiza a seleção dos concorrentes via votação eletrônica e posteriormente durante o evento ocorre a escolha dos vencedores feita por júri composto de membros da Confraria e de outros convidados. Na quarta edição, a Confraria participou somente da consulta prévia da seleção dos filmes.

Outra categoria também de destaque é o Troféu Andorinha Digital que é conferido exclusivamente aos países da CPLP. A Fundação Ormeo Junqueira Botelho responsável pela organização do evento indica a comissão julgadora para seleção dos filmes. Os vencedores poderão ver suas produções sendo exibidas no Site do Festival e em mostras Cineport que poderão acontecer em outros países da língua portuguesa.

O troféu Andorinha Criança é concedido pela organização do Festival através de votação de um júri formado por crianças e adolescentes. Como a produção de filmes infantis não é em grande escala sempre podem concorrer filmes produzidos em anos diferentes.

Em 2009 a coordenação do Cineport realizou um concurso de redação em uma escola municipal na cidade de Ouro Velho no cariri paraibano, as redações que melhor expressassem o tema proposto “Por que eu quero ir ao Cineport?” levou duas crianças que fizeram parte do júri Andorinha Criança que junto com outras escolheram o melhor filme infantil exibido durante o Festival. O troféu Andorinha Técnica é dado aos profissionais que tem grande atuação de forma técnica em produções cinematográficas, então a comissão executiva do Festival dialoga com profissionais do “mundo” do



cinema para que sejam escolhidos três competentes indivíduos para serem homenageados.

O Troféu Humberto Mauro - uma das personalidades pioneiras do cinema nacional - é também ofertado a três nomes que muito contribuíram para a História do cinema e da arte nos países de língua portuguesa. Já foram homenageados com esse troféu: Vladimir Carvalho, Nelson Pereira dos Santos (Brasil); Zéze Gamboa (Angola); Flora Gomes (Guiné-Bissau); José Fonseca e Costa e Luís Galvão Teles (Portugal).

Na edição mais recente, foram homenageadas três mulheres: Helena Ignez, musa do cinema marginal brasileiro; Isabel Noronha, realizadora moçambicana e Teresa Villaverde, atriz, produtora e diretora portuguesa premiada em grandes festivais como o de Cannes e Veneza.

Ações de incentivos à sétima arte na Paraíba

O Prêmio de Estímulo ao audiovisual paraibano é de grande valia para os realizadores do estado, pois observamos um crescente número de pessoas interessadas na Sétima Arte, como já dizia Glauber Rocha “Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça”, e as facilidades que chegam até nós por meio das novas tecnologias de uma grande proximidade entre tempo e espaço onde as informações são geradas com uma velocidade instantânea que mal se consegue respirar.

A cada edição do Cineport realizado na Paraíba será contemplado um filme através de um júri escolhido pela comissão executiva do Festival. Podem concorrer a esta categoria as pessoas residentes no estado da Paraíba há pelo menos dois anos é necessário uma comprovação dessa condição.

Podemos afirmar que além do prêmio em dinheiro o Festival Cineport oferece outras benesses às pessoas da Paraíba, ao turismo em geral e aos realizadores de produções de cinema.

Quando em maio de 2009 nos primeiros dias do mês transformou-se em uma efervescência cultural a capital da Paraíba, aportaram na cidade grande nomes do cinema nacional e de língua portuguesa, atores, produtores, cineastas, público, curiosos, podiam se confraternizar por meio dessa arte encantadora chamada cinema. O evento que ocorreu na Usina Cultural Energisa tinha suas tendas - a Andorinha e a Andorinha Digital sempre lotadas. Além disso, ainda tinha uma extensa programação musical todas às noites além de exposições, lançamento de livros, teatro, dança, espaço gastronômico



entre outros. Isso tudo demonstra o desejo por novas políticas de incentivo à arte. Podemos analisar um grande elo entre as pessoas que vinham de fora e as da própria cidade, assim, o Festival multiétnico se configurou como um evento multicultural em que várias manifestações artísticas se fizeram presentes, tendo o cinema como a coluna que dá a base de sustentação.

De acordo com a Diretora geral do Festival Cineport, Mônica Botelho (2009), após um longo envolvimento com a produção do Festival de cinema de países de língua portuguesa, a entidade promotora do evento, Fundação Ormeo Junqueira Botelho, teve muitos e bons motivos para comemorar. Um deles foi o fato de ter escolhido João Pessoa como uma das cidades sede definitivas do Festival.

Festivais são eventos de grande provocação intelectual, de intensa troca de energia e vivências- não só para os convidados, como para os organizadores e o público em geral. No CINEPORT, gente vinda da África, de Portugal e de todo o Brasil se mobiliza para celebrar a língua portuguesa, ao tempo em que trazem na bagagem também suas matrizes ancestrais africanas, indígenas, latinas e até mesmo saxônicas. Não importa: tudo é gente, tudo são gentes de uma mesma língua pátria múltipla e diversificada, gente que forma o grande mosaico a que pertencemos. O Cineport faz parte desse esforço empreendido por muitas pessoas e instituições no mundo inteiro, em torno da idéia de promover e preservar identidades culturais. Pessoas e culturas que se comunicam solidariamente com outras, em oposição a um mundo que muitas vezes se expressa de forma tediosamente igual- e onde culturas hegemônicas parecem querer nos imputar, pela força do mercado, uma única forma de ver o mundo (BOTELHO, 2009).

A autora afirmou ainda que desde a primeira edição realizada em João Pessoa em 2007 a “Andorinha” símbolo do Festival encontrou seu melhor “ninho” no Brasil, visto que além dos participantes em geral, os órgãos públicos como a Prefeitura Municipal e o Governo do Estado dão grande apoio ao projeto. A diretora do Festival até fala em tom descontraído sobre povo paraibano conhecido por ser hospitaleiro e de bom humor.

Em 2010 temos outro exemplo de extrema importância de como o Festival Cineport tem contribuído para o cinema paraibano, pois foi a partir da vinda do diretor



angolano Zezé Gamboa ao Festival que logo percebeu a semelhança geográfica e arquitetônica de João Pessoa com a Luanda colonial antes de ser arrasada pela guerra. Ele viu que o centro histórico e as praias paradisíacas serviriam como cenário perfeito para as filmagens do longa *O grande Kilapy* que é traduzido como o grande golpe. O protagonista foi interpretado pelo ator Lázaro Ramos e a equipe técnica veio dos países parceiros na co-produção que são Brasil, Angola e Portugal, também foram contratadas equipes locais para auxiliar na produção.

A produção do filme recebeu apoio da Funjope e do Governo do Estado através da PBtur - Empresa de Turismo e além do apoio destes órgãos recebeu patrocínio da Energisa - Empresa de Energia Elétrica que promove o Festival de Cinema de Língua Portuguesa. Se a montagem acontecer em tempo hábil, há possibilidade de o filme estreiar em 2011 no Cineport edição Paraíba.

Outro ponto interessante durante o quarto Cineport foi o lançamento da Rede Cineport de cooperação audiovisual que resultou de uma oficina durante o Festival que tinha vários jovens e adolescentes de bairros carentes e alguns que vieram de várias partes do interior para participar da oficina com todas as despesas pagas pelo Festival. O conteúdo da oficina passou pelos desafios e perspectivas da produção independente no Brasil; o homem e a construção dos signos, a sociedade da Informação e Conhecimento; dinâmicas de integração de grupo etc.

Entre os diálogos, conversas, mesas-redondas foram lançadas as diretrizes da rede Cineport de cooperação que sugerem a utilização da linguagem audiovisual para a construção das identidades locais, novas tecnologias a serviço do imaginário coletivo, patrimônio imaterial e Mostras audiovisuais em todo o estado. O Festival está mudando o foco deixando de ser apenas um Festival de cinema para se transformar em uma grande rede de cooperação, mudando os rumos da atual produção audiovisual.

O enfoque principal desse Festival foi à criação da rede de cooperação do audiovisual que reuniu quarenta e cinco integrantes dos países da comunidade de língua portuguesa na Paraíba, além das oficinas de formação, os debates que almejam um conagraamento entre produtores, entidades e profissionais oferecendo reais condições para gerar meios que facilitem a exploração da produção e se tornar referência para formatação de políticas públicas que integrem os países de língua portuguesa.

O diretor da Mostra Andorinha Digital, Marcos Pimentel (2009) também responsável em incentivar as produções por meio da rede Cineport de cooperação afirma:



A gente procura cada vez mais fomentar a discussão intelectual dentro do Festival Cineport. Então o Festival tá avançando nesse sentido, e tá realizando essa oficina que a gente vem chamando de rede Cineport de cooperação do audiovisual, onde a gente tá recebendo jovens realizadores provenientes do Brasil, Portugal, Cabo Verde, Moçambique e Angola que vão ser preparados durante o Festival para darem ponta pé inicial desse sonho que o Festival alimenta há bastante tempo de conseguir estabelecer uma rede de cooperação audiovisual entre os países da língua portuguesa.

O Cineport cedeu grande espaço de sua programação aos filmes paraibanos. No total foram exibidos trinta e dois filmes ao longo do Festival.

Uma notícia animadora para os realizadores paraibanos é que segundo informa a Ancine (Agência Nacional do Cinema), a Paraíba se encontra em terceiro lugar em termos de produção disputando com o Ceará (ESPECIAL..., 2009).

Vejamos o que diz alguns nomes do cinema paraibano em relação à impressão que os mesmos têm sobre Festival Cineport que ocorre a cada dois anos na capital do Estado.

Para Manfredo Caldas (*apud* ESPECIAL..., 2009), diretor, produtor e roteirista:

A Paraíba já tem o seu lugar no panorama do cinema brasileiro, e o Cineport contribui para reafirmar esse lugar. A produção local tem uma presença destacada, o que não acontece em outros festivais Ibero-Americanos onde a produção local fica relegada ao segundo plano. Aqui tem inclusive uma premiação para a produção local, destacada da premiação geral. Eu vejo com extrema simpatia, porque ele extrapola o próprio cinema, é um intercâmbio entre arte e cultura, de música, literatura e teatro. Ta tudo aí. Temos que falar o bom português.

A atriz e diretora Marcélia Cartaxo (2010)⁶ destaca o prêmio de Estímulo Energisa, pois segundo ela o dinheiro ajuda em um estado onde quase inexistem políticas de fomento ao audiovisual. Ela abordou ainda essa miscigenação rica que o Festival traz em absorver as culturas do Brasil e de outros países.

⁶ Este material foi resultado de uma entrevista concedida por telefone no dia 29 de novembro de 2010.



Torquato Joel (2010)⁷, cineasta que desenvolve suas atividades cinematográficas junto à UFPB (Universidade Federal da Paraíba) acredita que o Festival é mais uma vitrine, pois temos pouco espaço para veiculação da produção e o fato de ter um prêmio específico para a produção local também é um grande estímulo para os realizadores do estado, até porque a premiação acontece com concessão de serviços de laboratório o que garante a próxima produção do realizador premiado.

Torquato ainda faz ressalva em relação ao tratamento que deve ser igualitário entre os realizadores locais e os de outros estados e nações. Ele reclamou da falta de credenciamento aos paraibanos que concorriam nas categorias do Festival.

Premiado na terceira edição do Cineport em 2007 pelo curta “O Fazedor de filmes” realizado em parceria com Arthur Lins, Ely Marques (2010)⁸ afirma que o Cineport contribui de certa forma por causa da mostra dos filmes paraibanos e do Prêmio Energisa. Marques ressalta a importância para o realizador e principalmente para o público paraibano e afirma ainda que o Festival “peca” em vários aspectos, e tem um apelo que segundo a sua visão distorce o que poderia ser uma boa proposta. Ele reclama da glamorização do cinema trazendo atores que nem sempre estão nos filmes concorrentes, e muitas vezes o cinema paraibano tem um consolo pelo fato de acontecer no estado. O cineasta compreende que não existe um real interesse por parte do Festival, apenas garante um espaço mínimo em respeito à cinematografia local.

Já o Cineasta Carlos Dowling (2010)⁹ que recebeu menção honrosa no Festival, tem visão diferenciada do seu contemporâneo Ely Marques:

Acredito que o Cineport preenche de forma muito satisfatória a lacuna que os festivais de cinema tiveram para aportar e consolidar a cena do audiovisual paraibano, com o diferencial que me parece importante citar que é o de estabelecer e firmar João Pessoa bienalmente como centro de confluência de um audiovisual lusófono, africano e latino, ibérico e multicolor. E tal fluxo complexo de intercâmbio, conexões e re-conexões trás potencialmente boas e ricas influências para o audiovisual paraibano.

⁷ Idem

⁸ Entrevista concedida por e.mail no mês de novembro de 2010.

⁹ Idem



Podemos afirmar que o Cineport já faz parte do roteiro dos grandes eventos da cinematografia nacional. Produções de grandes bilheterias, propostas inovadoras, apresentações de vários segmentos artísticos, essa pluralidade que permeou o Festival através das produções dos vários países de língua portuguesa elevou o nome do Estado a partir do material cinematográfico aqui encontrado e exibido.

Considerações Finais

No Brasil, a Sétima Arte já “viveu” vários momentos bons e ruins. Mas hoje tem alcançado níveis bastante interessantes no tocante à boa qualidade como também em quantidade de produções realizadas

Na Paraíba, vimos à paisagem cinematográfica conquistando seu espaço no circuito nacional, novos cineastas realizando produções com baixo orçamento sobre temas corriqueiros e às vezes sem grandes pretensões, mas com uma qualidade audiovisual que em nada deixa a desejar se comparada às produções de estados com forte tradição na produção cinematográfica.

O Festival Cineport aqui apresentado como o agente contribuidor e influenciador das produções paraibanas, tem despertado um estímulo maior no interesse pela arte do cinema nas pessoas de um modo geral. Há quem considere o Festival um divisor de águas na história do cinema paraibano, visto que nesse estado nunca houve um evento que ultrapassasse os limites geográficos com a mesma importância de intercâmbio cultural.

Consideramos que o impacto seria maior se as edições ocorressem anualmente, pois como já abordamos, o Festival é realizado em anos ímpares em João pessoa e nos pares em outra localidade que a língua seja a portuguesa. O tempo que ficamos sem o evento, que poderia ser mais bem aproveitado pelos cineastas e realizadores locais, apesar de termos anualmente o Fest Aruanda, mas este não atinge a mesma amplitude do Cineport pelo fato deste último se constituir em um evento de caráter internacional.

Através do estudo, percebemos que o público compareceu em massa, durante todos os dias do evento as tendas ficavam totalmente lotadas, dessa forma podemos considerar que o Festival contribuiu também no quesito formação de platéia.

Nas próximas edições, pretendemos aprofundar o assunto, pois vimos que ainda é pouco estudado e podemos abordar um tema que está em foco, à cooperação do audiovisual entre os países membros da comunidade da língua portuguesa que o



Cineport tem apostado que a partir desse elo poderemos vislumbrar em um futuro próximo o estado como um grande pólo de produção cinematográfica, pois como já estudamos, a Paraíba tem vocação para o cinema. Há no estado grandes nomes que fizeram e fazem a cena da produção de cinema uma das importantes do Brasil. É de grande relevância que os governos, a iniciativa privada, a sociedade civil de forma geral criem mecanismos que dêem suporte a toda e qualquer forma de arte, pois através dela se consegue derrubar ou atenuar as barreiras da incoerência entre os indivíduos e assim gerar uma valorização da cultura.

REFERÊNCIAS

AUTRAN, Arthur. A noção de “ciclo regional” na historiografia do cinema brasileiro. **Revista Alceu**, v. 10, n. 20, jan-jun. 2010.

BOTELHO, Mônica. Sonhos sonhados, sonhos concretizados, sonhos por concretizar. **Revista Usina Cultural Especial**, 2009.

ESPECIAL Cineport: retrospectiva. **Jornal A União**, 2009. Disponível em: http://www.auniao.pb.gov.br/v2/index.php?option=com_content&task=view&id=23039&Itemid=39ra, 2007.

DOC Cineport 2009 – Festival de cinema de países de língua portuguesa. João Pessoa, 2009. YouTube (9 min). Disponível em: www.festivalcineport.com. Acesso em 30 de novembro de 2010.

RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luis Felipe. O cinema na Paraíba. **Cine Bairro**, 2007. Disponível em <http://cinebairro.blogspot.com/2007/06/o-cinema-na-paraiba.html>. Acesso em 16 de novembro de 2010.

GUALBERTO, Thaís Lima *et al.* O Cinema nigeriano como exemplo para a indústria cultural paraibana. **Revista Temática**, 2010. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2010/Abril/cinema_nigeria_gualberto.pdf. Acesso em 16 de novembro de 2010.

LEAL, Antonio; MATTOS, Tetê. O papel dos festivais de cinema no Brasil: um diagnóstico do setor. In: MALEIROS, Alessandra (org.). **Cinema e Mercado**. São Paulo: Escrituras Editora, 2010.

LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba/ Cinema da Paraíba**. Vol. 1 e 2. João Pessoa: Editora[s.n]